

**Artigos temáticos:
Legados**

Entre Londres e Paris, 1945-1975: Formação da Psicanálise Contemporânea

Renato Mezan¹

Resumo: Traçando um panorama da Psicanálise entre 1945 e 1980, este artigo busca situar nele as obras de Jean Laplanche, Jean-Bertrand Pontalis, André Green, Joyce McDougall e Betty Joseph.

Palavras-chave: Psicanálise na Grã-Bretanha, Psicanálise na França, escolas de Psicanálise, Lacan, Winnicott, Bion.

Se tivéssemos que escolher um momento para dividir a história da Psicanálise num antes e num depois, seria sem dúvida o ano de 1939: nele ocorreram dois fatos de importância crucial, cujos efeitos se fizeram sentir ao longo das décadas seguintes, e que, vistos da perspectiva atual, revelam-se como o marco zero da Psicanálise contemporânea.

O primeiro destes fatos é a morte de Freud. Até então – e ainda que nem sempre as opiniões dele tivessem sido acatadas – sua autoridade como fundador da disciplina conferia a elas um peso único nas discussões que mobilizavam os analistas. E não foram poucas, nem de pouca monta: nos anos vinte e trinta estavam em debate questões como a existência ou não de uma pulsão de morte, a sexualidade feminina, os fatores responsáveis pelo sucesso ou fracasso de um tratamento, os limites da abstinência, os meios para abordar novas patologias (casos-limite, psicoses) e outras mais. Sem Freud, o movimento psicanalítico deixou de ter um líder incontestado, e assim se abriu espaço para a institucionalização de escolas divergentes, cuja produção – e cujas disputas – ocupará o palco nos trinta anos subsequentes.

O segundo fato relevante a ter lugar em 1939 foi o início da Segunda Grande Guerra, finda a qual o centro de gravidade da Psicanálise deixa de ser a Europa Central e passa a se situar na Inglaterra, nos Estados Unidos e na França. A razão para isso foi a perseguição nazista aos praticantes da “degenerada ciência judaica”, que se viram forçados a emigrar para terras mais tolerantes, em particular os países de língua inglesa. Isso fará com que, na segunda metade do

1 Psicanalista. Membro do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae. Professor Titular da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Autor de várias publicações, entre livros e artigos.

século, as Sociedades norte-americanas e britânica tenham papel preponderante na condução da IPA, vindo a constituir o *establishment* contra o qual se insurgirão Lacan e seus seguidores.

Essas são as coordenadas fundamentais do contexto no qual evoluíram os autores focalizados no presente número da *Revista Brasileira de Psicanálise*. Do ponto de vista diacrônico, ele pode ser dividido em duas etapas: a Era das Escolas, grosso modo entre 1945 e 1975, e o período atual, que se inicia em algum ponto da década de 1970, com a publicação de um grande número de livros importantes cuja característica comum é não poderem mais ser inscritos sob a rubrica dessa ou daquela Escola.

Neste artigo, nos deteremos sobretudo no período imediatamente posterior à guerra e em alguns aspectos dos decênios seguintes, porque neles se deu a formação dos nossos autores, e neles se gestaram, lenta e discretamente, as ideias que os tornaram dignos de nota. É do momento em que elas (e as de alguns outros) atingem a maturidade e são apresentadas à comunidade analítica que me parece adequado datar o início da “nossa” época, que se caracteriza precisamente pela circulação entre as heranças das Escolas, e, na França, pela retomada do projeto lacaniano de voltar a Freud, porém com um forte elemento de crítica à maneira pela qual o mestre da Rue de Lille o realizou.

Deste movimento fazem parte, de modos diferentes mas com uma inspiração que me parece comum, os dois ex-alunos de Lacan (Laplanche e Pontalis) e os dois analistas vindos de fora da Europa (McDougall e Green). Quanto a Betty Joseph, fez toda sua carreira em Londres, e os motivos pelos quais faz parte deste número são de outra ordem.

1. Os anos da reconstrução

Quando, em maio de 1945, silenciam os canhões, na Europa semidestruída os centros principais da Psicanálise passam a ser a Grã-Bretanha e a França. As Sociedades destes países, porém, estão em momentos bem diferentes na respectiva evolução. Na ilha de Sua Majestade, desde os anos vinte a Psicanálise se encontra solidamente estabelecida; a influência de Melanie Klein e a originalidade de seu pensamento haviam lançado as sementes da primeira escola psicanalítica pós-freudiana, que tomará forma a partir de 1945. A chegada dos *continentals* – Anna Freud e outros austríacos, e de Budapeste, Michael Balint – provocará um enorme tumulto na Sociedade londrina, pois agora deviam conviver sob o mesmo teto precisamente aquelas tendências que, nos anos finais da década anterior, estavam caminhando em direções cada vez mais divergentes: a *ego-psychology* (na versão annafreudiana) e a clínica de estilo ferencziano, cuja ênfase no ambiente e na regressão curativa será retomada, por vias próprias, pelos integrantes do Middle Group.

As *Controversial Discussions* de 1943-44 dão testemunho da animosidade reinante entre os kleinianos e os *classical psychoanalysts*, como se autointitulavam os que discordavam das inovações da Grande Dama (cf. Steiner & King, 1998). Elas tiveram como consequência a formalização da escola kleiniana e a organização tanto política quanto doutrinária que ainda hoje vigora na Sociedade londrina: os grupos A (Melanie Klein), B (Anna Freud), e os que não rezavam pela cartilha nem de um nem de outro, por isso chamados “independentes”. Cada uma dessas correntes seguirá seu caminho, com os independentes elaborando um pensamento próprio e mantendo um diálogo civilizado com os outros setores, os annafreudianos mais em sintonia com os colegas austríacos e alemães que comandavam as Sociedades

norte-americanas, e os kleinianos ocupados em explorar as profundezas do arcaico na psique adulta e infantil.

Já na França, por volta de 1945, a situação deixara de ser tão calamitosa quanto na década de vinte, quando Freud se queixava que de lá lhe chegavam “objeções incredivelmente simplórias” (“*Einwendungen von ungläublicher Einfalt*”: Freud, 1926/1971, p. 89), mas a jovem Sociedade parisiense não tinha grande peso na comunidade analítica internacional. Liderada pela Princesa Marie Bonaparte, ex-paciente de Freud, contava com poucos membros, e se enumeravam nos dedos as contribuições feitas por eles ao *corpus* psicanalítico: a escotomização (René Laforgue), o estágio do espelho (Lacan), e mais uma ou outra. Poucas obras de Freud tinham sido traduzidas, e a resistência do meio psiquiátrico à “psicologia *boche*” continuava intensa (Roudinesco, 1986). Os autores franceses homenageados neste número da *Revista* estavam nos bancos do Quartier Latin – André Green na Medicina, Laplanche e Pontalis estudando Filosofia; na Inglaterra, Betty Joseph se analisava com Michael Balint; e Joyce McDougall ainda não deixara sua Nova Zelândia natal.

Uma última diferença entre os dois lados do Canal da Mancha deve ser mencionada nessa breve apresentação do cenário no qual se desenrolarão as peripécias da Psicanálise europeia nos trinta anos entre 1950 e 1980: o grande interesse dos intelectuais franceses pelos escritos de Freud, em oposição à quase completa indiferença dos seus congêneres britânicos. Desde que os surrealistas haviam feito dele “seu santo padroeiro” (Freud, 1938/1975, p. 193), as ideias do mestre de Viena eram debatidas por escritores, artistas e filósofos do porte de André Breton, Salvador Dali, Jean-Paul Sartre, Maurice Merleau-Ponty e outros.

O ambiente filosófico parisiense era então influenciado por tendências originadas na Alemanha, em particular a fenomenologia de Husserl, e depois da guerra, também o marxismo. A hipótese do inconsciente desafiava os fundamentos de ambas, e para integrá-la aos respectivos arcabouços conceituais era preciso filtrar o pensamento freudiano, despindo-o de “escórias” incompatíveis com eles – o “materialismo mecanicista” (leia-se a metapsicologia) no caso dos fenomenólogos, o “idealismo” (leia-se a metapsicologia) para os marxistas. A absorção do que restava deu origem a textos importantíssimos na história da Filosofia gaulesa, entre os quais a *Crítica dos fundamentos da psicologia* (Georges Politzer) e a parte de *O ser e o nada* (Sartre) dedicada à “psicanálise existencial” (Descombes, 1979; Gonçalves, 1996; Mezan, 2002).

Assim, quando nos anos cinquenta Lacan temperar a Psicanálise ao molho do estruturalismo, introduzindo as noções de significante e de simbólico, estará apenas dando continuidade a esse movimento de fecundação dela por ideias oriundas de outros quadrantes – porém com uma diferença capital em relação aos filósofos que o tinham precedido, da qual falaremos no item 3 deste artigo.

Em contraste, na Grã-Bretanha predominava o empirismo filosófico, e a Linguística – cujo papa na França era o suíço Ferdinand de Saussure – marchava sob a bandeira de Ludwig Wittgenstein, um enfático opositor de Freud. As ideias mais inovadoras – e isso até o final do século – não vieram da filosofia nem das disciplinas humanísticas, mas do trabalho sobre os fenômenos clínicos propriamente ditos, realizado no essencial por Klein, Balint, Fairbairn, Winnicott e Bion. Ainda que neste último seja possível apontar uma inspiração na filosofia e na matemática (no que se aproxima – paradoxalmente – de Lacan), o papel das disciplinas extra-analíticas no patrimônio conceitual dos britânicos é indiscutivelmente menos significativo que no dos franceses, lacanianos ou não. Roger Money-Kyrle, que se doutorou em

Filosofia na Alemanha, talvez seja a exceção que confirma a regra, mas neste artigo não cabe abordar sua contribuição.

Os cinco autores focalizados nos textos deste número da *Revista* tiveram uma longa carreira, que se estende da década de cinquenta até sua morte nos anos recentes. No ambiente cujos grandes traços acabamos de esboçar, sua formação transcorreu à sombra dos grandes inovadores da disciplina, sobre os quais direi uma palavra logo mais. Sem entrar em detalhes sobre a obra de cada um, podemos dividir todas elas em três etapas, a primeira indo das publicações iniciais ao começo da década de 1970, a segunda contendo os textos da maturidade, e uma terceira, já mais para o final da vida de cada um, em que desenvolvem ou refinam certos aspectos do seu pensamento. Isso para não falar do que ficou nas gavetas, em graus variados de construção – no caso de André Green, por exemplo, sabe-se que há muito material, cuja revisão e edição se prolongará por vários anos.

Green, Laplanche, Pontalis, McDougall e Betty Joseph fizeram a Psicanálise avançar por terrenos até então pouco explorados, e por isso merecem nosso respeito e nossa admiração. Mas é justo que se diga: embora grandes, estão longe de serem os únicos autores do seu tempo a merecer estudo aprofundado. Mesmo deixando de lado o que se fez nas Américas, e sem qualquer pretensão a ser exaustivo, seria difícil conceber a Psicanálise atual omitindo o que devemos a autores como Hanna Segal, Herbert Rosenfeld e Masud Khan, e entre os franceses, a Conrad Stein, Pierre Marty, Pierre Fédida, Piera Aulagnier ou Serge Leclaire.

O conjunto do que essa geração realizou a torna talvez a mais brilhante de quantas ocuparam o palco desde que, na sala de espera de Freud, a Sociedade Psicológica das Quartas-Feiras reunia os primeiros interessados na nova psicologia. Não que os integrantes dela fossem mais criativos, mais rigorosos ou melhores clínicos que os da primeira (Abraham, Ferenczi, Rank, Hanns Sachs...), da segunda (Wilhelm Reich, Theodor Reik, Otto Fenichel, Franz Alexander, Robert Waelder, Sándor Radó, Karen Horney, Edward Glover...) e da terceira (além de Anna Freud, Melanie Klein, Fairbairn, Winnicott e Bion, também Heinz Hartmann, de quem, por ter exercido influência mínima na Europa, não falaremos neste artigo). Simplesmente herdaram de seus predecessores uma teoria e uma prática sofisticadíssimas, e constroem sobre o que deles receberam.

Feita essa ressalva, é preciso reconhecer: o que nossos autores nos legaram é suficiente para torná-los referências indispensáveis aos analistas de hoje. Para bem compreender por onde transitarem, convém examinar brevemente o que aprenderam com seus mestres, e que se encontra, para usar uma expressão de Winnicott, “embutido nos seus ossos”.

2. Os inovadores britânicos: Fairbairn, Winnicott, Bion

Até aqui, por comodidade, me referi aos nossos cinco personagens como se fossem um bloco único, porém agora devemos seguir seus percursos separadamente. Como na Grã-Bretanha os desenvolvimentos que marcarão a segunda metade do século XX ocorreram antes do cisma lacaniano, e por intermédio de Joyce McDougall e André Green influenciaram bastante a Psicanálise francesa, falaremos primeiro deles.

Com a Sociedade relativamente pacificada após as reformas que se seguiram às *Controversial Discussions*, os anos imediatamente posteriores à guerra presenciaram o fortalecimento do grupo kleiniano, tanto porque sua líder estava no apogeu da inventividade – é a

época em que introduz as noções de posição esquizo-paranoide e de identificação projetiva – quanto porque, para responder aos ataques de que o que faziam não era boa Psicanálise, os que a seguiam tinham sido obrigados a formular de modo mais rigoroso os princípios e conceitos que norteavam sua prática.

Embora criticados pelo que parecia a outros membros da British Society um sectarismo por vezes fanático, e largamente ignorados pelos analistas norte-americanos, na maioria partidários da *ego-psychology*, os kleinianos continuaram a investigar as patologias não-neuróticas e as sutilezas do processo analítico. Isso os colocou na vanguarda da inovação teórica e clínica, e uma consequência inesperada disso foi que vários estudantes vindos da América Latina escolheram o Grupo A para fazer suas análises e supervisões. Esta é a origem da predominância quase absoluta do kleinismo nas Sociedades argentina e paulista nas décadas de cinquenta, sessenta e setenta.

É neste contexto que Betty Joseph e Joyce McDougall recebem seu *training*. A primeira, embora tivesse se analisado de início com Michael Balint, fez um segundo tratamento com Paula Heimann, e após uma supervisão com Hanna Segal, integrou-se ao segmento kleiniano, vindo a se destacar pelo estudo dos chamados “pacientes difíceis”. Quanto a Joyce, que se mudou para a Inglaterra em 1950, escolheu o divã de John Platt, um “independente”, e supervisionou-se com Anna Freud até 1953, quando, convidado para trabalhar na UNESCO, seu marido transferiu a família para Paris. Não se pode, é claro, escrever a história do que não aconteceu, de modo que jamais saberemos como teria evoluído o pensamento dela sem a convivência direta com os analistas franceses, em particular Lacan e Piera Aulagnier. Mas para nós, analistas de hoje, o fato foi uma bênção, pois permitiu a essa extraordinária clínica e teórica criar uma ponte entre os dois lados da Mancha (tal como, por outras vias, fará André Green).

Do ponto de vista das ideias, a época em que Joseph e McDougall estavam se formando presencia um fato da maior importância para a história da Psicanálise em geral: a introdução de um novo paradigma, que ficará conhecido com o nome de “teoria das relações objetais”. Resumidamente, ele questiona o lugar central atribuído por Freud à libido como energia constantemente produzida pelo sujeito, que busca descarregá-la, e assim investe os objetos do mundo externo. Estes, portanto, são secundários em relação à libido: “o objeto não está originariamente ligado à pulsão, mas se encontra subordinado a ela em virtude de sua capacidade de possibilitar satisfação” (Freud, 1915/1975, p. 86). Na verdade, Freud não se ateu sempre a esta visão radical, e no decorrer de sua obra veio a formular vários outros modelos metapsicológicos, que dão lugar mais destacado ao objeto (cf. Mezan, 2013).

Por outro lado, o trabalho de Ferenczi sobre o trauma, e as modificações que como consequência dele introduzira na técnica, apontava para uma visão diferente da dos *Três ensaios*: como o trauma provém da violência exercida sobre a criança por um adulto real, torna-se necessário levar em conta o que se chamará, na teoria das relações objetais, o “ambiente”, e no tratamento analítico evitar repetir (sob a máscara da neutralidade e da abstinência) a vivência traumática. Daí a proposta, retomada posteriormente por Winnicott, de oferecer ao paciente uma atitude mais benevolente e mais “maternal” que a preconizada por Freud.

Embora Melanie Klein sustentasse que sua teoria abria espaço para a mãe real, no sistema kleiniano ela se esfuma frente à mãe fantasiada, cujo estatuto como objeto interno é incomparavelmente mais importante na vida psíquica. Foi o analista escocês Ronald Fairbairn que, no início dos anos quarenta, teve a ousadia de propor uma revisão radical tanto do

papel dos objetos externos quanto da finalidade da libido: em vez de *pleasure-seeking* (buscando o prazer pela descarga sobre um objeto no fundo indiferente), esta seria *object-seeking* (por natureza, procura objetos, que portanto são muito mais essenciais ao funcionamento mental do que supunha Freud). “O objetivo libidinal é estabelecer relações satisfatórias com o objeto”, lemos, por exemplo, em seu artigo “Object-Relationships and Dynamic Structure” (Fairbairn, 1952, citado por Hughes, 1989, p. 95).

Partindo deste princípio, Fairbairn será levado a reformular de cabo a rabo a metapsicologia, o que tem impacto decisivo sobre os demais segmentos da Psicanálise, em particular a psicopatologia e a teoria da técnica. No que nos concerne aqui, é importante assinalar que – aprofundando uma ideia lançada por Freud em *Luto e melancolia*, e desenvolvida por Klein com sua noção do “objeto núcleo do ego” – o objeto introjetado se torna o grão de areia em torno do qual irá se constituir a estrutura psíquica. Não é este o lugar para um estudo mais aprofundado da obra de Fairbairn², mas é evidente que sua reforma das bases da disciplina conduz a uma forma de entender o inconsciente, e portanto de praticar a Psicanálise, que diverge significativamente das propostas por Freud. Por isso, o mais adequado seria falar em outro *paradigma*, mais do que apenas em outra *teoria*; no entanto, como o uso consagrou a expressão “teoria das relações objetais”, no que se segue nos ateremos a ela.

Relativamente isolado em Edimburgo, as ideias de Fairbairn não encontraram grande receptividade na Sociedade britânica, mas foram decisivas na trajetória de Winnicott, cujo trabalho se centrou precisamente nas consequências do ambiente para o que hoje se chama a constituição do sujeito. Conceitos como o de ambiente facilitador, mãe suficientemente boa, *holding*, objeto transicional, espaço potencial, verdadeiro e falso *self*, tornaram-se familiares a todos nós, porém é preciso ressaltar como eram novos e originais quando foram formulados. Foi, sem dúvida, o que fez se interessarem por eles analistas autores não necessariamente winnicottianos, nem mesmo ingleses – Pontalis e André Green, entre outros – que de maneiras diferentes acabaram por integrá-los ao seu próprio pensamento.

O terceiro grande inovador da Psicanálise pós-Segunda Guerra é Wilfred Bion, dois anos mais novo que Winnicott (nasceu em 1899), portanto pertencente à geração intermediária entre Klein e nossos autores. Bion já tinha quarenta e seis anos quando, em 1945, empreende uma segunda análise com Melanie Klein, que durará até 1952 – precisamente a época que caracterizei como a do apogeu criativo da Grande Dama. Durante dez anos será um kleiniano convicto, cujas contribuições, embora interessantes, não se baseiam numa visão própria da Psicanálise.

No início da década de sessenta, porém, ele passa por um surto criativo, do qual resultam suas obras verdadeiramente originais – *Aprendendo com a experiência*, *Elementos da psicanálise e Transformações*, todas publicadas entre 1962 e 1965. Tendo como foco gerador a matriz clínica da esquizofrenia, esses livros apresentam uma teoria do pensar cujos fundamentos são kleinianos, mas se ramifica numa série de consequências de grande alcance, que acabam por originar um modo singular de perceber, interpretar e teorizar os processos em jogo numa análise.

Em 1960 morre Melanie Klein. Seus adeptos se defrontam com a tarefa de não permitir que o legado dela se fossilize, e a realizam tanto aprofundando e ampliando o escopo dos seus conceitos (em particular o de identificação projetiva) quanto refinando as modalidades

2 Uma boa introdução ao pensamento dele pode ser encontrada no livro de Luís Claudio Figueiredo, *Fairbairn em sete lições* (2013).

da interpretação do aqui-e-agora. Os escritos de Betty Joseph são no essencial dedicados a esta problemática; ela a explorou por meio da investigação minuciosa dos movimentos emocionais dos dois parceiros, a partir da ideia de que o paciente “fala” tanto com palavras como com o que tenta fazer com o analista, ou seja, através do *acting-in*. São estes os *shifts* (oscilações) cujo acúmulo, segundo ela, conduz ao *change* (mudança), principal objetivo da terapia analítica, que, no entanto, encontra um formidável obstáculo no sistema de defesas erigido pelo indivíduo para assegurar seu equilíbrio psíquico.

Nesse sentido, a visada de Joseph se aproxima da de Bion, cuja *Grade* tem por finalidade exatamente acompanhar de perto as flutuações da comunicação na situação analítica. Entre os cinco autores estudados neste número da *Revista*, ela se destaca mais pela construção de um método que pela formulação de uma teoria original, mas isso não significa que seja menos importante que os demais: embora nem todos os kleinianos a acompanhem na concentração quase exclusiva no presente imediato da sessão, seu trabalho veio a ser paulatinamente apreciado e respeitado, até por analistas de outras orientações.

O desenvolvimento das ideias psicanalíticas na Inglaterra não se resume, é claro, ao trabalho de Joseph e de seus colegas kleinianos. Mesmo entre estes, um estudo mais completo não poderia deixar de lado o trabalho de Donald Meltzer, Irma Pick, Esther Spillius e outros, e seria preciso confrontá-lo com o daqueles que seguiram outros caminhos, como Masud Khan, ou mais recentemente Adam Phillips. Porém, não é este nosso objetivo neste artigo; assim, precisamos deixar de lado o que fizeram, e abordar o que estava acontecendo no outro lado do Canal.

3. O panorama visto do Sena

Enquanto em Londres tinham lugar os processos mencionados no item anterior, a Sociedade Psicanalítica de Paris vivia momentos de grande turbulência. Estamos no início da década de cinquenta, e a uma nova geração de candidatos frequenta o Instituto. Os analistas didatas mais em evidência são Marc Schlumberger, Sacha Nacht e Jacques Lacan, e seus alunos se chamam Octave e Maud Mannoni, Laplanche, Pontalis, Stein, Green, Aulagnier, Wladimir Granoff...

A cisão de 1953 se deveu a disputas internas sobre a formação, mas também à censura, por parte da IPA, das sessões curtíssimas praticadas por Lacan. Furioso com a determinação de que deveria abandoná-las ou abdicar do seu estatuto de didata, ele se demite da Sociedade, no que é acompanhado por alguns membros e por um número expressivo de estudantes. A descoberta de que ao fazer isso estavam também se excluindo da Associação Internacional foi um choque, e resultou na formação de uma entidade paralela, a *Société Française de Psychanalyse (SFP)*, na qual o nome principal será o de Lacan.

Este aproveita a ocasião do Congresso Internacional, que se realizaria em Roma no verão daquele ano, para lançar sua plataforma doutrinária – a conferência “Função e Campo da Palavra e da Linguagem em Psicanálise”, mais conhecida como “Discurso de Roma” – na qual afirma a necessidade de um retorno à concepção original do inconsciente, que segundo ele teria sido diluída (para não dizer abandonada) pelos sucessores de Freud.

Para Lacan, o essencial da “descoberta freudiana” consiste no papel da linguagem para a organização da vida psíquica, de onde sua célebre fórmula – “o inconsciente está estruturado como uma linguagem”. Guiado por essa bússola, durante a década de cinquenta ele dedica

seus Seminários à releitura da obra do fundador. Sua formidável cultura humanística o leva a procurar integrar à Psicanálise o que, segundo ele, era o mais instigante nas disciplinas sociais, em particular a linguística de Saussure (de onde retira a ideia de significante) e a etnologia de Lévy-Strauss (de onde retira a ideia de sistema simbólico). Segundo ele, Freud precisara formular seus *insights* num vocabulário tornado obsoleto pelos avanços dessas disciplinas. Via então sua tarefa como um *aggiornamento* da Psicanálise, porém não para acomodá-la a sistemas extra-analíticos, e sim utilizando de modo livre conceitos e esquemas de pensamento que lhe pareciam mais precisos, e portanto mais aptos a veicular o verdadeiro alcance da Psicanálise.

Ao que extrai daqueles dois autores, Lacan acrescenta uma interpretação própria de Hegel, sobre cuja *Fenomenologia do Espírito* seguira nos anos trinta as aulas de Alexandre Kojève. Realizado na École Pratique des Hautes Études, de 1933 a 1939, esse curso fecundou a imaginação de um bom número de intelectuais franceses, entre os quais Merleau-Ponty, Raymond Aron, Georges Bataille (que viria a se tornar sogro de Lacan), Raymond Queneau (um dos criadores do *nouveau roman*, e editor das aulas em forma de livro – ver Kojève, 1947), e outros. Do ensino de Kojève, aproveitou sobretudo a leitura da “Dialética do senhor e do escravo”; segundo Hegel, um momento crucial no percurso da consciência, e cujos ecos se encontram na análise lacaniana da agressividade e da alienação interna do sujeito.

Este é o ponto no qual, como lembrei acima, Lacan diverge dos filósofos que o precederam na releitura de Freud: não pretende depurá-lo de escória alguma, mas retomar o gume daquilo que ele criara, e que a seu ver tinha sido perdido nas elaborações dos pós-freudianos. Quanto de verdade e quanto de polêmica contra os que o haviam excluído da IPA há nessa assertiva, não é este o local para avaliarmos: o fato é que, pretendendo nada mais fazer que retornar ao “sentido de Freud”, ele acabou por construir um terceiro paradigma na Psicanálise, cujo pilar central é, a meu ver, o conceito de sujeito do inconsciente.

Quer se concorde ou não com as teses de Lacan – que, a exemplo das de Freud e Klein, modificaram-se consideravelmente durante os quase cinquenta anos do seu percurso –, o que interessa para nosso objetivo atual é o fascínio que exerceu sobre os jovens analistas do seu tempo. Erudito, polemista articulado e feroz, dominando todos os recursos da retórica, perseguindo com afinco o projeto de uma formalização da Psicanálise que a pusesse no mesmo nível que as disciplinas em cujo acervo ia buscar conceitos, ambicioso e sedutor como poucos, e manipulando sem cautela os afetos transferenciais de alunos e pacientes, Lacan converteu seu Seminário no centro dinâmico da Psicanálise francesa. Não é de admirar que Green, Pontalis, Laplanche e McDougall se sentissem atraídos pelo brilho estelar dessa figura, e por vários anos acompanhassem suas conferências.

A Société Française de Psychanalyse durou cerca de dez anos. Muitos dos seus membros, especialmente os mais jovens, não se sentiam confortáveis em estar fora da IPA, e a partir de 1960 começaram a realizar gestões para serem admitidos (ou readmitidos) na organização internacional. Os dirigentes desta acabaram por ceder, mas a um preço altíssimo: a exclusão de Lacan não seria revogada. Em 1964, um novo cisma soou o dobre de finados da SFP, que se dividiu em duas: a nova Association Psychanalytique de France (APF) reúne os “filhos pródigos” retornados à casa paterna, enquanto os fiéis a Lacan o acompanham na instituição que fundou então, a École Freudienne de Paris (EFP).

Lacan jamais perdoou aos que considerava traidores, entre os quais se contavam Jean Laplanche e Jean-Bertrand Pontalis. O percurso destes, assim como o de outros analisandos

e alunos do mestre, traz fundas marcas do que aprenderam com ele, e do ponto de vista pessoal, as feridas da separação provavelmente nunca se curaram por inteiro. À distância, torna-se nítido que o autoritarismo e a exigência de fidelidade incondicional se tornaram insuportáveis para todos os que se afastaram de Lacan, mas havia também discordâncias teóricas – por exemplo, quanto à relação entre o inconsciente e a linguagem, como fica claro no relatório “O inconsciente: um estudo psicanalítico”, apresentado por Laplanche e Leclaire no Colóquio de Bonneval, em 1960 (cf. Vários, 1966) –, e clínicas (sobretudo no tocante à duração das sessões, mas também quanto a outros aspectos da prática).

A essa altura, tanto André Green quanto Joyce McDougall – que em 1953 haviam escolhido permanecer na Société Psychanalytique de Paris e, portanto, no seio da IPA – já haviam completado sua formação. No decorrer desta, não se haviam privado – assim como Conrad Stein e outros da mesma geração – de frequentar, ao lado das aulas do Instituto, as de Lacan. Nelas aprenderam a ler Freud de modo muito mais rigoroso do que era o caso na Inglaterra; mas com o correr do tempo foram descobrindo algo surpreendente: se Lacan tinha razão ao exigir um retorno a Freud, a maneira pela qual ele mesmo o havia realizado tivera um efeito bem diverso do que simplesmente recuperar o “reprimido” pelos sucessores do fundador. Com efeito, a releitura sob o signo da dialética e do estruturalismo resultara numa doutrina própria, que (assim como o de Melanie Klein) era apresentada como apenas extraindo o implícito no texto freudiano, o que de modo algum correspondia à realidade: tanto um como a outra haviam de fato construído um sistema novo de Psicanálise.

Aqui, mais uma vez, é necessário seguir os passos de cada um dos nossos quatro pensadores de modo individual. Uma primeira diferença pode ser estabelecida entre Laplanche e os demais: embora tivesse conhecimento das inovações de Fairbairn, Winnicott e Bion, elas não tiveram papel de relevo na constituição do seu próprio pensamento. Após redigir com Pontalis o *Vocabulário de Psicanálise* – que, sob a inspiração de Daniel Lagache, é na verdade um dicionário da língua freudiana, reservando um espaço mínimo para os conceitos dos sucessores –, Laplanche estreia com o livro *Vida e morte em psicanálise* (1971), no qual empreende uma leitura de Freud que se prolongará na série das *Problemáticas*, a meu ver o mais importante e detalhado comentário *stricto sensu* da obra freudiana de que dispomos.

Dessa leitura resultou algo inesperado: a teoria da sedução originária, que vem à luz em meados da década de oitenta (Laplanche, 1987)³. Em síntese, ela postula que a constituição do sujeito não se dá de modo endógeno, mas como reação à implantação de um “corpo estranho”, os “significantes enigmáticos” (e inconscientes) derivados da sexualidade dos adultos com os quais a criança convive. Confrontado com a tarefa de lhes dar sentido, o pequeno ser humano desenvolve sua vida psíquica ao longo das linhas mapeadas por Freud, essencialmente as etapas pré-genitais e a travessia do Édipo. É impossível não perceber o parentesco dessa ideia com certas formulações da teoria das relações objetais, em particular com o conceito de “objeto núcleo do ego”. Mas Laplanche não chega a ela pelas mesmas vias que os ingleses, e sim como consequência da sua releitura de Freud. Tampouco pode ser ocultado o que deve a Lacan, a começar pelo próprio conceito de significante.

3 O leitor interessado no percurso de Laplanche pode consultar com proveito as duas entrevistas que concedeu à *Revista Percurso* (cf. Laplanche, 1990, 1994).

Do seu lado, e com a discrição que o caracterizava, Pontalis segue um caminho igualmente original. Do ponto de vista que aqui nos interessa, na construção do seu pensamento a influência de Winnicott foi fundamental, assim como nos de Green e McDougall. Seu primeiro livro – *Après Freud*, publicado em 1965 – mostra o valor que, contrariamente a Lacan, atribui aos desenvolvimentos pós-freudianos. Editor aberto a tudo o que havia de inteligente na Psicanálise, fez da sua *Nouvelle Revue de Psychanalyse* um fórum de debates do mais alto nível; escritor paciente e refinado, levou décadas amadurecendo suas ideias. Estas nascem do que aprendeu exercendo a clínica, mas também da sua ampla cultura literária e filosófica⁴.

Tanto Laplanche como Pontalis nasceram na França, e lá fizeram seus estudos secundários e universitários antes de se tornar psicanalistas: o segundo foi aluno de Sartre no liceu, e o primeiro tomou para si, na década de oitenta, a tarefa de fazer uma tradução rigorosa de Freud (a série despertou muita polêmica, mas aqui a deixaremos de lado). Não é o caso nem de André Green nem de Joyce McDougall, de quem nos resta falar brevemente para concluir este artigo.

A bem dizer, ele é o mais francês dos dois, pois estudou no Liceu Francês do Cairo, e em 1945 foi fazer Medicina em Paris, enquanto ela veio para a Cidade-Luz com sua formação psicanalítica já adiantada. Em 1953, sob a batuta de Henri Ey, Green inicia a residência em Psiquiatria; três anos depois, empreende sua análise, primeiro com Maurice Bouvet, e após a morte deste, com Catherine Parat. Os sete anos que passou no Seminário de Lacan foram decisivos para os rumos que tomou, mas não fizeram dele um lacaniano: discordava do que lhe parecia uma ênfase excessiva no formalismo do significante, e do descaso pela dimensão do afeto. Seu estudo desse aspecto da obra de Freud, redigido em 1970 (Green, 1973), marca o início da sua própria teorização, que se estenderá por quarenta anos e fará dele um dos mais importantes analistas do seu tempo.

Neste percurso, Green – cuja fluência em inglês vinha da infância no Egito – será fortemente influenciado pela Psicanálise britânica, em especial pelo trabalho de Winnicott e de Bion. Como estes, era médico de formação e tinha contato frequente com a psicose; é do estudo dela que nascem algumas das noções que associamos ao seu nome, como os de “psicose branca” e “trabalho do negativo”. Do conceito bioniano de continente vem a inspiração para o de “duplo limite”, e de certo modo, a reflexão sobre os elementos alfa e beta está na base da reformulação que impôs à metapsicologia, introduzindo o que chamou dos “processos terciários”.

A síntese pessoal entre o que de mais inovador havia na Psicanálise dos dois lados da Mancha é também o que caracteriza os escritos de Joyce McDougall, porém com um componente anglo-saxão mais visível que no caso de Green – não só pela formação inicial em Londres, da qual conserva o hábito de oferecer ao leitor detalhadas vinhetas clínicas – mas também pela incorporação de elementos norte-americanos na sua análise do psicossoma (entre outros, o uso que faz do conceito de alexitimia, oriundo da Escola de Boston). Um ponto em comum entre ambos é o gosto pelo teatro – os dois foram atores amadores na juventude, Green dedicou seu primeiro livro ao estudo psicanalítico da tragédia (Green, 1969), e Joyce faz amplo uso da metáfora teatral na sua concepção do aparelho psíquico.

Ela deve a Piera Aulagnier, de quem foi amiga íntima, o seu conceito de *Je* (Eu), introduzido na Psicanálise por Lacan, mas que na autora francesa ocupa um lugar diferente do que lhe atribui o sistema lacaniano (não é a instância do sujeito inconsciente, mas sim a

4 Poucos anos antes do seu falecimento, Pontalis – cuja aversão a dar entrevistas parecia incontornável – concordou em receber um antigo supervisionando seu, Marcelo Marques, para uma longa conversa (cf. Pontalis, 2009).

da consciência pensante e conectada com a realidade externa). Suas investigações sobre a sexualidade, a criatividade e as afecções psicossomáticas são de primeira importância, e nessas últimas, é patente o diálogo com a escola francesa (Pierre Marty e outros). E *last but not least*, o carimbo *made in France* da obra dela é a permanente interlocução com Freud, que a distingue dos ingleses da sua geração e a aproxima de Laplanche, Green e Pontalis.

Como mencionei acima, o período que se segue a 1975 é, para todos os autores aqui mencionados, o da maturidade do seu pensamento. Os demais artigos deste número da *Revista* trarão mais detalhes sobre o que realizaram a partir de então; neste, procurei descrever o ambiente político e intelectual no qual se formaram, e oferecer algumas indicações da maneira pela qual cada um pinçou nele elementos para construir sua visão pessoal da Psicanálise.

Um último ponto merece destaque: o fato de – com exceção de Laplanche – eles terem se dedicado com afinco ao estudo das formas não-neuróticas do funcionamento mental. Os pacientes limítrofes para Joseph e Green, os criadores de neo-sexualidades ou de soluções psicossomáticas para McDougall, alguns dos analisandos que mais mobilizaram Pontalis, colocaram-lhes problemas clínicos, metodológicos e teóricos que se encontram na raiz dos respectivos desenvolvimentos. É também comum aos quatro uma grande atenção aos movimentos contratransferenciais, assim como ao ambiente real e às suas potencialidades traumatizantes para a psique infantil. Na base desse interesse está sem dúvida a herança de Winnicott e de Bion.

Já Laplanche, que dedicou muito do seu tempo ao ensino da Psicanálise na Universidade, se destacou mais como comentador de Freud (e dos muitos outros autores, psicanalistas ou não, a começar por Holderlin, ao qual dedicou sua tese de doutorado), e no plano teórico, sem contudo abandonar a reflexão sobre a clínica: o quinto volume das *Problemáticas*, para só ficar nesse exemplo, tem como tema o processo analítico. Por outro lado, no trabalho de Betty Joseph não há traço da influência de Lacan, enquanto sem ele a obra dos outros simplesmente não seria concebível. Ou seja, apesar das pontes que eles construíram entre Londres e Paris, resta o fato de que os estilos inglês e francês de pensar e praticar a Psicanálise continuam bastante diversos.

Muito haveria ainda a dizer sobre os pontos de contato e de divergência entre os nossos cinco personagens. Mas é tempo de concluir, frisando um aspecto que me parece essencial em todos: a liberdade de pensar, de se servir do que encontraram na obra dos seus mestres para criar um modo pessoal de escutar e de teorizar. É isso que, em última análise, os torna modelares, e justifica o esforço para absorvermos deles o que for útil para nossa própria maneira de ser psicanalistas.

Entre Londres y Paris, 1945-1975: formación del psicoanálisis contemporáneo

Resumen: Dibujando un panorama del Psicoanálisis entre 1945 y 1980, este artículo trata de localizar en el mismo las obras de Jean Laplanche, Jean-Bertrand Pontalis, André Green, Joyce McDougall y Betty Joseph.
Palabras clave: Psicoanálisis británico; Psicoanálisis francés; escuelas de Psicoanálisis; Lacan; Winnicott; Bion.

Between London and Paris, 1945-1975: the formation of contemporary psychoanalysis

Abstract: Sketching a broad view of the development of Psychoanalysis between 1945 and 1980, this paper offers some suggestions about the place occupied in it by the works of Jean Laplanche, Jean-Bertrand Pontalis, André Green, Joyce McDougall and Betty Joseph.

Keywords: *Psychoanalysis in Great Britain; Psychoanalysis in France; schools of Psychoanalysis; Lacan; Winnicott; Bion.*

Referências

- Descombes, V. (1979). *Le même et l'autre: quarante-cinq ans de philosophie en France, 1933-1978*. Paris: Minuit.
- Fairbairn, R. (1952). Object-relationships and dynamic structure. In R. Fairbairn, *Psychoanalytic studies of the personality*. Londres: Tavistock and Routledge.
- Figueiredo, L. C. (2013). *Fairbairn em sete lições*. São Paulo: Escuta.
- Freud, S. (1971). *Selbstdarstellung (Autobiografia)*. Frankfurt: Fischer Taschenbuch Verlag. [Tradução espanhola em *Obras completas* (López-Ballesteros, trad., Vol. 3). Madrid: Biblioteca Nueva]. (Trabalho original publicado em 1926).
- Freud, S. (1975). Pulsões e destinos de pulsão (*Triebe und Triebchicksale*). In S. Freud, *Studienausgabe*. (Vol. 3: *Psychologie des Unbewussten*). Frankfurt: Fischer Verlag. [Tradução espanhola em *Obras completas* (Vol. 2). Madrid: Biblioteca Nueva]. (Trabalho original publicado em 1915).
- Freud, S. (1975). Carta 302 a Stefan Zweig. In S. Freud, *Epistolario 1890-1939*. Barcelona: Plaza y Janet. (Trabalho original publicado em 1938).
- Gonçalves, C. S. (1996). *Desilusão e história na psicanálise de Jean-Paul-Sartre*. São Paulo: Nova Alexandria.
- Green, A. (1969). *Un oeil en trop*. Paris: Minuit.
- Green, A. (1973). *Le discours vivant*. Paris: PUF.
- Hughes, J. (1989). *Reshaping the psychoanalytic domain*. Berkeley: University of California Press.
- Kojève, A. (1947). *Introduction à la lecture de Hegel*. Paris: Gallimard.
- Laplanche, J. (1987). *Nouveaux fondements pour la psychanalyse*. Paris: PUF.
- Laplanche, J. (1990). Entrevista. *Revista Percurso*, (5/6). São Paulo: Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae.
- Laplanche, J. (1994). Entrevista. *Revista Percurso*, (13). São Paulo: Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae.
- Mezan, R. (2002). A recepção da psicanálise na França. In R. Mezan, *Interfaces da psicanálise*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Mezan, R. (2013). *O tronco e os ramos: estudos de história da psicanálise*. São Paulo: Companhia das Letras (no prelo).
- Pontalis, J.-B. (2009). Entrevista. *Revista Percurso*, (42). São Paulo: Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae.
- Roudinesco, E. (1986). *Histoire de la psychanalyse en France* (Vol. 2). Paris: Seuil.
- Steiner, R & King, P. (Orgs.). (1998). *As controvérsias Freud-Klein 1941-1945*. Rio de Janeiro: Imago.
- Vários (1966): *VIème Colloque de Bonneval: L'Inconscient*. Paris: Desclée de Brouwer.

[Recebido em 16.8.2013, aceite em 3.9.2013]

Renato Mezan
 Rua Amália de Noronha, 198
 05410-010 São Paulo
 Tel.: (11) 3081-4851
 rmezan@uol.com.br